

TEORIAS LINGUÍSTICAS E SUAS CONCEPÇÕES DE GRAMÁTICA: ALCANCES E LIMITES

*Francisco Elton Martins de Souza (UFC)**

RESUMO

Este trabalho tem o objetivo de abordar as concepções de gramática que percebemos inerentes às correntes teóricas estruturalista, gerativista e funcionalista. Para cada uma destas vertentes, realizamos uma breve explanação a respeito de seu quadro teórico e procuramos explicitar o que compreendemos que concebem como gramática. Objetivamos também explicar o que consideramos como alcances e limites em cada corrente tanto no que se refere à concepção de gramática que revelam, como no que diz respeito à própria concepção de língua, a partir da qual podemos perceber com qual amplitude se dá a análise e a compreensão dos fatos de linguagem.

Palavras-chave: teorias linguísticas; concepções de gramática; fatos de linguagem.

ABSTRACT

This paper has the intention to deal the grammar's conceptions which we realize as inherent in the theoretical lines of structuralism, generativism and functionalism. To each one of those theories, we make a short explanation about their theoretical base and try to explain what we can understand they consider as grammar. We have also the intention to explain what we consider as a reach or a border in each theory, in what grammar's conception a theory reveals and also about the language's conception itself, from where we can realize what is the possible limit to do an analysis to the understanding of the language's facts.

Keywords: linguistics theories; grammar's conceptions; language's facts.

* Mestre em Linguística pela UFC
Email: eltonuece@gmail.com

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A Linguística é a ciência da linguagem verbal, eminentemente humana. No entanto, nem sempre os estudos vinculados à linguagem foram considerados como pertencentes a um campo do conhecimento que se pudesse considerar como ciência. Foi somente graças aos estudos do linguista suíço Ferdinand de Saussure que a Linguística ganhou o *status*, os métodos e os resultados suficientemente relevantes para que passasse a ser considerada tão ciência quanto a Física, a Biologia, a Astronomia, a Psicologia, a Medicina.

Porém, diferentemente de todas as outras ciências, que possuem um objeto de estudo claramente definido, a Linguística fluidifica-se em seu próprio objeto, uma vez que é de extrema dificuldade delimitar critérios que possam servir como definidores do que seja linguagem. Como se pergunta Ferdinand de Saussure em sua obra *Cours de Linguistique Générale*:

Qual é o objeto, ao mesmo tempo integral e concreto, da Linguística? A questão é particularmente difícil (...). Outras ciências trabalham com objetos dados previamente e que se podem considerar, em seguida, de vários pontos de vista; em nosso campo, nada de semelhante ocorre. (...) Bem longe de dizer que o objeto precede o ponto de vista, diríamos que é o ponto de vista que cria o objeto (SAUSSURE, 2006, p. 15).

A linguagem está nos animais, a linguagem está no homem, a linguagem está na natureza. A linguagem verbal diferencia o homem dos outros animais e, por isso, mesmo diante de impasses, chegou-se à conclusão de que a Linguística seria a ciência ocupada do estudo da linguagem humana.

O presente trabalho tem o objetivo de lançar um olhar panorâmico sobre os conceitos de gramática imanescentes às teorias linguísticas, pelo menos em suas vertentes mais conhecidas. Procuraremos abordar os conceitos de gramática dentro das correntes Estruturalista, Gerativista e Funcionalista, analisando, na medida de nossas possibilidades, os alcances e limites de cada abordagem.

1. UM BREVE OLHAR PANORÂMICO SOBRE AS TEORIAS LINGUÍSTICAS E SUAS CONCEPÇÕES DE GRAMÁTICA

1.1 Concepção(ões) de gramática no Estruturalismo

Podemos afirmar que o Estruturalismo começou com os trabalhos de Ferdinand de Saussure, sendo a teoria precursora dos estudos linguísticos. Muitos dos conhecimentos existentes hoje no campo da Linguística tiveram suas bases estabelecidas na teoria estruturalista. Por este motivo, é possível dizer que, por mais contemporânea que seja uma corrente ou teoria linguística e por mais distante que esteja do ramo estrutural da Linguística, sempre haverá vínculos entre tais correntes e teorias e o legado saussuriano.

Ferdinand de Saussure não considerava a necessária relação existente entre língua e uso. Para ele, a Linguística deveria ocupar-se do estudo da língua em si mesma e por si mesma, e não com as possibilidades de uso do sistema. Assim, a tradição estruturalista que até hoje perdura na Linguística tomará a língua como um sistema fechado, sem interferências exteriores. Nas palavras de Martelotta (2010), a gramática estruturalista pode ser caracterizada “como uma tendência de descrever a estrutura gramatical das línguas, vendo-as como um sistema autônomo, cujas partes se organizam em uma rede de relações de acordo com leis internas, ou seja, inerentes ao próprio sistema.” (MARTELOTTA, 2010, p. 53).

Neste ponto, tecemos uma crítica a esta concepção de gramática estruturalista, pois não concebemos o sistema linguístico como desprovido da função de uso. Todos os falantes nativos sabem sua língua no sentido de que sabem usá-la nas mais diversas situações comunicativas, ou pelo menos esta é uma habilidade desejável. Inclusive, no ensino de línguas estrangeiras, percebe-se atualmente a tendência a se ensinar línguas dentro da perspectiva do uso, uma vez que parece não fazer sentido ensinar apenas estruturas linguísticas para que o aprendiz as memorize sem entender quais funções teriam em situações reais de comunicação.

No entanto, ressaltamos que esta concepção estruturalista de gramática não foi criada com o intuito de ser aplicada ao ensino de línguas e nem é nosso objetivo no presente trabalho debater metodologias de ensino. O que estamos procurando abordar são concepções de gramática de um ponto de vista teórico. Desse ponto, então, reconhecemos a validade de tal concepção de gramática, estruturalista, pois, em uma análise deste tipo, buscar-se-á “constatar que elementos constituem o sistema (...) [de] uma língua, assim como observar como eles se organizam dentro desse sistema e como eles se unem para formar unidades maiores” (MARTELOTTA, 2010, p. 55). Em outras palavras, para a gramática estruturalista, como já afirmava Saussure no *Cours*, analisa-se a língua voltada para si mesma, sem considerar-se possíveis influências externas ao sistema, que é considerado como uma entidade fechada em si mesma.

Ao contrário do que defendia Chomsky, como veremos na abordagem gerativista, Saussure não acreditava na existência de estruturas inatas que possibilitariam ao homem o desenvolvimento da capacidade de linguagem sem influências culturais. Apesar de considerar a língua em si mesma e por si mesma, Saussure não negava a influência do ambiente no desenvolvimento linguístico.

1.2 Concepção(ões) de gramática no gerativismo

O gerativismo teve início nos Estados Unidos, no final da década de 1950, mais precisamente em 1957, com o lançamento do livro *Estruturas sintáticas*, concebido a partir dos estudos do linguista Noam Chomsky, professor do Massachusetts Institut of Tecnology – MIT. Tal corrente de estudos constitui-se, em princípio, numa profunda crítica ao behaviorismo.

A principal intenção de Chomsky era criar um modelo que fosse capaz de explicar a linguagem humana de maneira matematicamente precisa. Ele acreditava que a mente humana era modular, de forma que, para cada módulo de nossa estrutura cerebral, haveria uma estrutura ou mecanismo linguístico que acionaríamos quando dele necessitássemos. Chomsky também acreditava que a partir de um número limitado de sentenças poderíamos gerar um número infinito de sentenças

(MARTELOTTA, 2010; LYONS, 2009) e que a capacidade da linguagem era inata à espécie humana e independia de estímulo. Assim, vivendo em uma grande metrópole ou em uma selva totalmente isolada da civilização, o ser humano seria capaz de desenvolver sua linguagem da mesma maneira, com a mesma complexidade de estruturas.

De modo amplo, podemos afirmar que a teoria gerativa “preocupa-se em descrever e explicar a língua como processo mental, parte do sistema cognitivo do homem” (PASSOS & PASSOS, 1990, p.9). No entanto, as vertentes mais proeminentes que encontramos ao estudarmos especificamente o conceito de gramática no gerativismo são as vertentes da gramática universal (GU) e das gramáticas particulares das línguas, além da gramática gerativo-transformacional.

Já mencionamos que, para Chomsky, desde que deu início à sua teoria gerativista, a faculdade da linguagem é geneticamente transmitida de maneira exclusiva na espécie humana, sendo algo inato e inerente a todos os membros da espécie. De acordo com Kenedy (2010), a faculdade da linguagem, para Chomsky, seria um dispositivo interno, como um algoritmo com um conjunto ordenado de instruções, tal qual nos programas de computadores, que nos tornaria capazes de desenvolver ou adquirir a gramática de uma língua.

Então, se todos os seres humanos partilham de uma mesma dotação linguística, isso significa que todas as línguas humanas teriam necessariamente características comuns, já que são todas faladas pelos mesmos seres humanos que, biologicamente, não se diferenciam em nenhum lugar do planeta. Ao princípio que regula o funcionamento geral das línguas, inclusive impondo limites na variação delas e assemelhando-as, chamamos gramática universal (GU).

Apesar das muitas controvérsias que há em torno desse conceito, particularmente partimos da ideia de que há sim determinadas características que se assemelham nas diversas línguas. Somos sabedores do fato de haver línguas sem artigos (como é o caso do latim), línguas sem casos (como é o caso do português), mas, pelo menos até onde sabemos, não conhecemos línguas que sejam desprovidas de substantivos. Isso acontece, acreditamos, porque é uma necessidade indispensável ao ato comunicativo saber nomear os seres, mesmo que a relação entre tais seres e as denominações que lhes atribuímos sejam arbitrárias, como já defendia Saussure.

No entanto, não foi apenas a GU a concepção de gramática propagada pelo gerativismo. Diante da necessidade de “descrever como os constituintes das sentenças eram formados e como tais constituintes transformavam-se em outros por meio da aplicação de regras” (KENEDY, 2010, p. 131), os gerativistas lançaram o modelo da gramática transformacional.

Por meio de tal modelo seria possível descrever as regras que fariam uma frase como “Maria comprou o feijão” transformar-se em outras frases como “O que Maria comprou?”, “Quem comprou o feijão?” etc. Assim, nesta concepção, a gramática

é um conjunto de regras que, operando sobre um vocabulário finito, gera um conjunto (finito ou infinito) de sintagmas (cada um composto de um número finito de unidades), definindo assim um sintagma bem formado como aquele que é caracterizado pela gramática” (LYONS, 2009, p. 94).

A estrutura previamente existente, como “Maria comprou o feijão” é denominada estrutura profunda; as estruturas dela derivadas são denominadas estruturas superficiais (KENEDY, 2010).

Os gerativistas ainda se preocuparam em explicar o fato de os falantes nativos de uma língua terem uma espécie de “intuição” a respeito das sentenças que ouvem e proferem. Por exemplo, qualquer falante nativo do português sabe que uma sentença como “a parede do quarto de César é azul” é perfeitamente possível e aceitável dentro do sistema gramatical da língua portuguesa. No entanto, um falante nativo não compreenderia e também jamais diria uma sentença como “César parede a azul de é quarto do”.

À primeira sentença, facilmente reconhecível pelo falante nativo, chamaríamos gramatical e, à segunda sentença, estranha ao falante, chamaríamos agramatical. A preocupação dos gerativistas seria explicar o motivo que faz com que o falante nativo aceite a primeira oração e rejeite a segunda. A nosso ver, é provável que a “intuição”, para usar o mesmo termo usado por Kenedy (2010), que permite ao falante discernir as duas orações seja um indício da existência da GU, já que esta teoria acredita que haja um mecanismo interno à mente humana que lhe permite o desenvolvimento da linguagem. Seria a única explicação plausível, pensamos, para o fato de o falante nativo reconhecer de maneira automática a gramaticalidade ou agramaticalidade das sentenças em sua língua. Nesse caso, teríamos de admitir que há, de fato, um dispositivo mental inato em todos os seres humanos que lhes possibilita uma dotação linguística eivada de alta capacidade de discernimento.

Outro aspecto da gramática gerativa é o fato de Chomsky considerar a existência de dois fatores conhecidos por competência e desempenho (KENEDY, 2010). A competência seria a capacidade inata que cada falante tem em seu idioma. Assim, cada pessoa tem plenas condições de executar as mais diversas manifestações linguísticas, já que seria conhecedora do sistema e de suas regras de funcionamento. No entanto, o desempenho de cada falante seria diferenciado, pois se entende que o desempenho seria a maneira como cada falante utilizaria seus conhecimentos do sistema para a realização das expressões linguísticas necessárias.

Chomsky assume que o objeto da Linguística deve ser a competência e não o desempenho. Para Kenedy (2010), com quem corroboramos, a visão de Chomsky se assemelha à de Saussure, quanto à consideração do escopo da Linguística, o que nos leva a concluir que a língua, em Saussure, está para a competência, em Chomsky, assim como a fala, em Saussure, está para o desempenho, em Chomsky, já que Saussure considera a língua como o objeto da Linguística, e não a fala.

1.3 Concepção(ões) de gramática no Funcionalismo

As primeiras ideias funcionalistas surgiram a partir do pensamento de linguistas da Escola Linguística (ou Círculo Linguístico) de Praga, em contraposição às concepções de língua imanentes ao estruturalismo e ao gerativismo (LYONS, 2009). Ao contrário das duas correntes anteriores que se preocuparam em estudar a língua apenas ao nível de suas estruturas, o Funcionalismo passou a se preocupar com o estudo “[d]a relação entre as estruturas gramaticais das línguas e os diferentes contextos comunicativos em que elas são usadas” (CUNHA, 2010, p. 157), isto porque, para os funcionalistas “a língua não pode ser vista como absolutamente independente de todas as forças externas” (NEVES, 1997, p. 109).

Em termos gerais, a perspectiva funcionalista da Linguística, de acordo com Neves (1997, p.02), tem como questão básica de interesse a verificação do modo como os usuários da língua se comunicam eficientemente, isto é, a abordagem funcionalista considera “as estruturas das expressões linguísticas como configurações de funções, sendo cada uma das funções vista como um diferente modo de significação na oração” (NEVES, 1997).

Para os funcionalistas, como o próprio termo já designa, nenhuma sentença ou nenhum texto da língua usada pelos falantes são produzidos aleatoriamente, sem uma função comunicativa. A gramática é compreendida “como acessível às pressões do uso” (NEVES, 1997, p. 15), isto é, como algo passível de ser moldada pelos falantes da língua. Neste ponto, percebemos uma abertura para a concepção de gramática como algo que vai muito além de um conjunto de regras que regem o funcionamento da norma culta de uma língua (ANTUNES, 2007), por exemplo, visão esta consagrada até entre os próprios falantes nativos que, por vezes, julgam não saber sua língua materna por se considerarem desconhecedores de um determinado cabedal de normas.

Desse modo, percebemos, inclusive, como o Funcionalismo começa a dar margens para o surgimento e o fortalecimento de áreas mais “sociais”, por assim dizer, dentro da Linguística, como a própria Sociolinguística, por exemplo, já que por gramática funcional podemos entender “uma teoria da organização gramatical das línguas naturais que procura se integrar em uma teoria global da *interação social*” (NEVES, 1999, p.15; grifo nosso). Por este motivo, a análise funcionalista sempre parte de *corpora* retirados de situações reais do uso da língua e procura explicar como as estruturas linguísticas atuam em função da construção do discurso.

A gramática funcional também considera, segundo Neves (1997), o conceito de competência comunicativa, entendida como “a capacidade que os indivíduos têm não apenas de codificar e decodificar expressões, mas também de usar e interpretar essas expressões de uma maneira interacionalmente satisfatória” (NEVES, 1997: 15). Isso significa, em nosso entendimento, que o Funcionalismo considera que a compreensão do código linguístico/estruturas linguísticas em si é algo que antecede seu uso, servindo apenas de base para este. Em outras palavras, a compreensão de estruturas de língua não pode ser tomada como sinônimo de competência comunicativa, já que tal competência está além disso e implica, principalmente, no domínio dos usos linguísticos.

Nesse ponto, percebemos como a gramática funcionalista contribui para o pensamento de que o falante nativo de uma língua é competente em seu idioma mesmo que não conheça, por exemplo, todas as regras da gramática normativa, pois mais importante será saber adequar os usos linguísticos às situações por ele vivenciadas.

É o caso, acreditamos, de um falante nativo que, mesmo sem um alto grau de escolaridade, sabe portar-se, linguisticamente, de maneira diferenciada em uma situação de formalidade, entre pessoas que não conhece ou com quem tem pouco contato, e em uma situação de informalidade, entre pessoas com as quais já convive rotineiramente e com quem tem certa proximidade. Da mesma forma, é possível que nos deparemos com o inverso, quando um falante mesmo possuindo alto grau de escolaridade e conhecendo a norma considerada culta, não sabe adequar seus usos linguísticos em situações que exigiriam certas adequações, seja por serem mais formais ou mais informais.

Compreendemos, ainda, uma diferença essencial entre o estruturalismo e o funcionalismo: este reconhece a linguagem como um fenômeno que não é isolado, mas, ao contrário, como um fenômeno que se liga diretamente à necessidade social de comunicação, entretanto, não se encerrando nela. Como a gramática funcional leva sempre em consideração o uso das expressões linguísticas, temos “uma certa pragmatização do componente sintático-semântico do modelo linguístico” (NEVES, 1997, p. 16).

Até agora, apresentamos um modelo geral de concepção teórica de gramática funcionalista, ligada ao funcionalismo praguense. No entanto, passaremos a discorrer sobre dois modelos específicos: a gramática funcional do holandês Dik (doravante, GF) e a gramática discursivo-funcional (doravante, GDF), apontando semelhanças e distinções entre as duas correntes.

A gramática funcional de Dik, conforme Nogueira (2006), pode ser considerada como um modelo formal de gramática funcional, sendo um modelo de descrição de orações em que se começa pelas unidades menores até se chegar a unidades maiores, como a proposição. Este fato permite considerar a GF de Dik como um modelo *bottom-up* (ascendente) (NOGUEIRA, 2006; SOUZA, 2008). A GF tem como unidade maior de análise a oração, não chegando ainda a abarcar instâncias maiores, como o discurso. A nosso ver, isso demonstra, junto ao fato de a análise ser feita a partir de unidades menores, o quanto a GF ainda possui fortes traços estruturalistas, o que justifica a aceção de modelo formal.

Ainda no funcionalismo holandês, tem-se a GDF, desenvolvida por Hengeveld & Mackenzie, que, apesar de também se constituir em um modelo muito formalizado de gramática funcional, propõe a “expansão de uma gramática da frase para uma gramática funcional do discurso” (NOGUEIRA, 2006, p. 35). Diferentemente da GF, a GDF tem como unidade básica de análise o “ato discursivo”. Nogueira (2006) aponta como os dois principais motivos para o estabelecimento da GDF o fato de muitos fenômenos linguísticos só poderem ser explicados em níveis acima do da frase (como formas verbais narrativas, partículas discursivas, cadeias anafóricas etc.) e, por outro lado, o fato de certas expressões linguísticas menores que a sentença (como *Parabéns!*, *Olá, Maria!*) funcionarem como enunciados completos no interior do discurso. Tais expressões linguísticas com estrutura frasal incompleta, mas sendo completas na situação comunicativa em que ocorrem, são chamadas *holófrases*, segundo Souza (2008).

Souza (2008) completa a explicação de Nogueira (2006), afirmando que a GF procura analisar as expressões linguísticas com base em informações contextuais e informacionais. No entanto, pelo fato de sua análise se limitar à frase, vários fenômenos linguísticos extra e intra-oracionais, como os citados anteriormente, de acordo com Nogueira (2006), não seriam plenamente explicados. “Com essa mudança, a GDF busca analisar a relevância do discurso nas configurações gramaticais de línguas naturais” (SOUZA, 2008, p. 2).

Outra diferenciação entre a GF e a GDF é o fato de aquela ser um modelo *bottom-up* (ascendente), como já citado anteriormente, e esta última ser um modelo *top-down* (descendente), isto é, que parte de uma unidade mais ampla – o discurso – para unidades menores, como as sentenças. Nas palavras de Neves (2006), um modelo *top-down* é aquele que trata da “assunção

de que as decisões dos níveis e camadas de análise mais elevados determinam e restringem as possibilidades dos níveis e camadas de análise mais baixos” (NEVES, 2006, p. 32). Souza sintetiza o que já expusemos, dizendo que

[...] a GDF avança em direção a uma unidade maior de análise, em que o discurso passa a ser uma unidade de análise linguística maior que a oração, dando assim suporte às expressões linguísticas de níveis mais baixos. Ainda que já tenha sido mencionado, vale dizer que a GDF inicia-se com a codificação da intenção do falante, caminhando em direção aos níveis mais baixos. Já a GF inicia-se com a seleção de itens lexicais para, em seguida, expandir gradualmente a estrutura subjacente da oração. (SOUZA, 2008, p. 13-14).

No entanto, ressaltamos, assim como o faz Souza (2008), que a GDF não pode ser confundida com correntes teóricas que analisam o discurso em níveis ideológicos e culturais, por exemplo, como o faz a Análise do Discurso Francesa ou a Análise do Discurso Crítica. Pelo que pudemos compreender, mesmo chegando até o nível do discurso, a GDF ainda se restringe à análise dos componentes linguísticos, propriamente ditos, que o compõem.

Percebemos, de acordo com nossa compreensão, uma coerência maior da GDF com a corrente funcionalista, uma vez que análises limitadas a estruturas frasais, ou anteriores a este nível, já vinham sendo realizadas até mesmo em outras correntes linguísticas anteriores, como o estruturalismo e o gerativismo.

Daremos continuidade explicitando os pressupostos da gramática funcionalista inglesa, tendo como referência Halliday, bem como da gramática funcionalista norte-americana, cujo maior representante é Givón.

De acordo com Nogueira (2006), Halliday justifica sua gramática como sendo funcionalista pelo fato de investigar o modo como a língua é usada. Nesta acepção de gramática funcionalista, são considerados três componentes funcionais: o ideacional, que procura entender o ambiente; o interpessoal, que diz respeito ao agir sobre o outro; e o textual, que dá relevância aos outros dois. O que Halliday propõe, segundo Nogueira (2006), é uma teoria sistêmico-funcional, que seja “ao mesmo tempo, uma gramática do sistema e uma gramática do texto, já que a principal razão para se estudar o sistema é lançar luz sobre o discurso” (NOGUEIRA, 2006, p. 27).

Em nosso entendimento, fica clara a vinculação das ideias hallidayanas às correntes mais formais de análise linguística, uma vez que o linguista não admite um abandono total ao sistema. Ao contrário, parte-se deste para se atingir uma análise mais ampla, em nível discursivo. Concordamos com o pensamento de Halliday, já que, de fato, compreendemos que o discurso, em suas bases, é constituído de elementos linguísticos menores, como as orações, focalizadas na GF.

Em linhas gerais, com relação à gramática funcionalista norte-americana, podemos afirmar, de acordo com Nogueira (2006), que Givón, o principal representante desta vertente, defende um meio termo entre o que seria a gramática chomskyana e a gramática de Hopper, que seria completamente flexível e independente do contexto de comunicação. Para Givón, a gramática possui sim um caráter categorizador e moldador, mas também não é capaz de responder por todas as expressões linguísticas, nem estabelecer uma regra, ou regras, que seja(m) absolutas na explicação de certos fenômenos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com o presente trabalho esperamos ter alcançado nosso objetivo de discutir a respeito das concepções/dos conceitos de gramática inerentes a cada uma das três grandes correntes dos estudos em Linguística, Estruturalismo, Gerativismo e Funcionalismo.

Ao longo de nossa explanação, podemos perceber que temos uma caminhada histórico-teórica entre as teorias linguísticas e as concepções de gramática que sustentam. O que podemos verificar, em nossa visão, de mais proeminente em cada corrente linguística é que as concepções de gramática parecem evoluir, no sentido de expandirem suas visões de língua/linguagem, e de fato o fazem, na passagem de uma corrente para outra.

Se observarmos panoramicamente uma concepção de gramática estruturalista, ainda perceberemos limitações como a não consideração do uso, bem como o fato de uma análise dentro desta corrente teórica ainda considerar a existência de elementos isolados no sistema, que formariam elementos maiores. Ainda não se aborda, por exemplo, a gramática numa perspectiva transformacional, como se faz na corrente gerativista, procurando explicar o movimento gerador de novas sentenças a partir de outras preexistentes.

A propósito, este fato, a nosso ver, já representa um certo avanço no modo de se conceber a gramática. Também percebemos um avanço na concepção de gramática gerativista pelo fato de ser uma teoria que procura explicar o modo como o homem adquire e desenvolve sua linguagem. Aliás, para Chomsky, não se trataria exatamente de uma aquisição, já que todo ser humano seria dotado de um dispositivo interno e inato que lhe propiciaria o desenvolvimento da faculdade da linguagem. Tal desenvolvimento não teria relações diretas com o ambiente. Uma gramática gerativista se limita a explicações da linguagem enquanto faculdade mental humana, mas ainda não passará a considerar o uso das estruturas linguísticas.

A consideração do uso vem com as concepções funcionalistas de gramática, iniciadas com o Círculo Linguístico de Praga. Dentro destas próprias concepções já percebemos evoluções. É o caso da evolução que percebemos da GF, de Dik, que considera uma análise até o nível das orações, até a GDF, que expandirá sua análise até o nível do discurso.

Se neste trabalho tivéssemos lançado a proposta de tratar de concepções de gramática dentro de outras correntes linguísticas pós-funcionalistas, perceberíamos que a expansão nas concepções de gramática, e de língua, continuaria e, com isso, a expansão do alcance da análise dos fenômenos linguísticos.

Por exemplo, se tivéssemos optado por abordar também a corrente teórica cognitivista, depararíamos com concepções que abrangem até considerações a respeito da corporificação do pensamento humano, o que já implicaria uma abordagem que considera que os usos linguísticos refletem nossa experiência no mundo.

Outras correntes como a Linguística Textual, por exemplo, buscam a superação do tratamento da língua ao nível da palavra, frase ou período, compreendendo estas três instâncias apenas como componentes do texto, considerado a forma legítima do uso da língua nos processos comunicativos

(OLIVEIRA, 2010). Tendo em vista o fato de nos comunicarmos por meio de textos, e não de frases ou períodos isolados, a Linguística Textual considera que a forma mais legítima de estudarmos a linguagem humana seria partirmos da análise do texto.

Prosseguindo, teríamos correntes ainda mais contemporâneas dos estudos da linguagem, como a Análise do Discurso de linha francesa e a Análise do Discurso Crítica, que realizarão análises dos elementos linguísticos relacionando-os com estudos que já transcendem as próprias fronteiras da Linguística. Buscam-se contribuições da Antropologia, da Sociologia, da Psicologia, da Filosofia para explicar os fenômenos linguísticos a partir da consideração de que são componentes das relações humanas que ultrapassam a condição de simples elementos/estruturas de língua.

No entanto, ressaltamos que já não estaríamos mais falando de gramática e sim de língua, uma entidade muito mais abrangente e que engloba aquela. O foco de nosso trabalho foi discutir concepções teóricas de gramática que, a nosso ver, podem ser percebidas mais nitidamente nas correntes estruturalista, gerativista e funcionalista. Correntes como o Cognitivismo, a Linguística Textual e a Análise do Discurso parecem ter superado a consideração de uma gramática mais reducionista, uma vez que se propõem a abrangerem considerações a respeito de fatos de linguagem mais amplos.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, I. **Muito além da gramática**: por um ensino de línguas sem pedras do caminho. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

CUNHA, M. A. F. da. Funcionalismo. In: MARTELOTTA, Mário Eduardo da (Org.). **Manual de linguística**. São Paulo: Contexto, 2010, p. 157-176.

KENEDY, E. Gerativismo. In: In: MARTELOTTA, Mário Eduardo da (Org.). **Manual de linguística**. São Paulo: Contexto, 2010, p. 125-140.

LYONS, J. **Lingua(gem) e linguística**: uma introdução; tradução Marilda Winkler Averbug, Clarisse Sieckenius de Souza. Rio de Janeiro: LTC, 2009.

MARTELOTTA, M. E. da. Conceitos de gramática. In: MARTELOTTA, Mário Eduardo da (Org.). **Manual de linguística**. São Paulo: Contexto, 2010, p. 43-70.

NEVES, Maria Helena de Moura. **A gramática funcional**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

NEVES, M. H. de M. Estudar os usos linguísticos ou a visão funcionalista da linguagem. In: NEVES, Maria Helena de Moura. **Texto e gramática**. São Paulo: Contexto, 2006, p. 15-34.

NOGUEIRA, M. T. Considerações sobre o funcionalismo linguístico: principais vertentes. In: CUNHA, Maria Angélica Furtado da (Org.). **Linguística funcional**: a interface linguagem e ensino. Natal: EDUFRRN, 2006, p. 23-40.

OLIVEIRA, M. R. de. Linguística textual. In: In: MARTELOTTA, Mário Eduardo da (Org.). **Manual de linguística**. São Paulo: Contexto, 2010, p. 193-204.

PASSOS, Claiz & PASSOS, Maria Emiliana. **Princípios de uma gramática modular**. São Paulo: Contexto, 1990.

SAUSSURE, F. de. **Curso de linguística geral**. 27. ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

SOUZA, E. R. F. de. Gramática funcional: da oração rumo ao discurso. **Revista Domínios de lingu@gem**: revista eletrônica de linguística. Ano 2, nº 1 – 1º Semestre de 2008 – ISSN 1980-5799. Disponível em <<http://www.seer.ufu.br/index.php/dominiosdelinguagem/article/view/11475>> Acesso em 20 dez. 2013.

